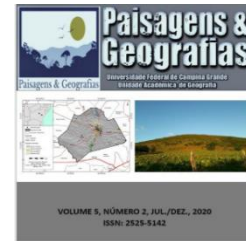




ISSN: 2525-5242

REVISTA PAISAGENS
& GEOGRAFIAS

*Landscapes &
Geographies Journal*



MIGRAÇÃO E RETORNO: ANÁLISE DAS GEOGRAFICIDADES DE SUJEITOS MIGRANTES DA COMUNIDADE RURAL TABOADO DE BAIXO, BOQUEIRÃO – PB

Darciley Gomes de OLIVEIRA ¹

¹ Mestranda em Geografia. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Email: darciley.ufcg.geo@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho, aborda a migração nordestina para o Sudeste do Brasil, especificamente para a cidade do Rio de Janeiro – RJ. Tomando como exemplo, parte da migração ocorrida na comunidade rural de Taboado de Baixo, Boqueirão – PB, entre os anos de 1950 a 2019. O texto visa analisar o contexto em que ocorreram estas migrações, a fim de compreender as geograficidades envolvidas neste fenômeno e as perspectivas de vida para aqueles sujeitos, fora de suas origens. Para a realização deste trabalho, foi utilizada uma revisão bibliográfica sobre o processo de migração nordestina, como também entrevistas com residentes que foram migrantes para o Rio de Janeiro, RJ e percepções ambientais em torno do lugar de origem dos sujeitos habitantes do Taboado de Baixo. Contudo, foi percebido que os migrantes tiveram as suas necessidades atendidas e que retornaram à terra natal por motivos de afetos positivos para com a família e os geossímbolos do lugar. Desta forma, o trabalho conclui que a migração, é entre tantos outros motivos, o desejo de apropriação do espaço, busca por novas oportunidades de trabalho remunerado, experiências de vida, como também, suprir necessidades financeiras almejadas para um determinado momento de vida.

Palavras Chave: Migração, Lugar, Geograficidade, Sujeito.

RESUMEN

El presente trabajo, aborda la migración nordestina para el sudeste de Brasil, específicamente para la ciudad de Rio de Janeiro – RJ. Tomando como ejemplo parte de la migración ocurrida en la comunidad rural de Taboado de Baixo, Boqueirão – PB, entre los años de 1950 a 2019. El texto pretende analizar el contexto en que ocurrieron estas migraciones, para entender las geograficidades involucrada en este fenómeno y las perspectivas de vida fuera de sus orígenes para aquellos individuos. Para la realización de este trabajo, se llevó a cabo una revisión bibliográfica sobre el proceso de la migración nordestina, así como entrevistas con residentes que fueron migrantes, para el Rio de Janeiro, y percepciones ambientales alrededor del lugar de origen de los sujetos que habitan lo Taboado de Baixo. Sin embargo, se notó que los migrantes tenían sus necesidades satisfechas y que regresaron a la patria por razones de afectos positivos por la familia y los geossímbolos del lugar. De esta manera, la migración es entre muchas otras razones el deseo de apropiación del espacio, busca por nuevas oportunidades de trabajo remunerado, experiencias de vida, así como satisfacer las necesidades financieras y las perspectivas de vida para un momento dado de la vida.

Palabras clave: Migración, Lugar, Geograficidade, Sujeto.

1. INTRODUÇÃO

*Eu me lembro muito bem do dia que eu cheguei
Jovem que desce do norte pra cidade grande
Os pés cansados e feridos de andar légua tirana
De lágrimas nos olhos de ler o Pessoa
E de ver o verde da cana
(BELCHIOR, 1977)*

“Nos limites do território nacional, com o que se chamou êxodo rural, foi inicialmente verdade que o mundo rural tenha despejado na cidade sua população” (SAYAD, 2000, p. 7). No período de 1950 a 1980, o êxodo rural no Brasil, transferiu para o meio urbano, o equivalente a 30,0% da população rural existente, e, só a partir dos anos 2000, é que estes números decaem de 17, 4 para 3,5 % da população que migrava para os meios urbanos, sendo o Nordeste, a região que ainda tem o maior potencial migratório do Brasil (ALVES et al, 2011, p. 81 e 87).

Esta migração, que se inicia nos anos 1950, por parte do povo do interior nordestino, tem como destino o Sul e Sudeste do país. Levando a mão de obra barata, para o “desenvolvimento” da urbanização, ou seja, para trabalhar na construção civil e em outros trabalhos, cuja exigência era de maior força física e menor conhecimento escolar. Muitos foram os sujeitos rurais, que deixaram sua terra natal, para irem em busca de trabalho e fonte de renda financeira, partiram para os pontos luminosos do país, (SANTOS, 2006) na expectativa de “melhoria de vida”, para si e para quem os deixava à espera.

De acordo com Albuquerque Júnior (2009), quando o Nordeste foi “inventado”¹, a partir dos anos 1920, as elites do Sudeste precisavam de uma massa trabalhadora para dar continuidade ao “progresso”. Tal invenção, foi uma urgência do início do século XX, pois com a extensão da produção advinda da segunda Revolução Industrial, o Sul do Brasil, se preparava para dar impulso as técnicas modernas, influenciados pelos moldes europeus.

No decorrer da década de 1950, quando se intensificaram as migrações para o Sudeste brasileiro, ocorre um expressivo êxodo de habitantes de comunidades rurais do semiárido brasileiro, principalmente da porção nordestina, para as capitais do Sudeste, a cidade do Rio de Janeiro – RJ, acolheu grande parte destes migrantes. A comunidade do Taboado de Baixo, foi uma destas que passou pelo processo e que também alguns de seus habitantes, passaram pelas correntes das migrações. Pois eram sujeitos que buscavam melhorias financeiras e experiências de vida.

O que este trabalho propõe é analisar as geograficidades em torno do processo de migração dos sujeitos residentes do Taboado de Baixo, (comunidade rural do município de Boqueirão – PB), para a capital do Rio de Janeiro, RJ, no decorrer dos anos de 1950 a 2019, a fim de compreender algumas de suas perspectivas, enquanto migrantes, para atender as suas necessidades em âmbito financeiro e da

¹“A invenção do Nordeste” é um termo utilizado pelo professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em sua obra a Invenção do Nordeste e outras artes. livro basilar para compreensão e interpretação da produção artística e cultural realizada ao longo do século XX sobre a região Nordeste do Brasil.

busca por diferentes experiências de vida. Outrossim, diante deste contexto, trazer uma reflexão acerca dos outros motivos sociais que intensificaram as migrações, a exemplo da deficiência em políticas públicas para as regiões semiáridas do Nordeste brasileiro.

O caminho metodológico que ampara este trabalho é a fenomenologia, com inspiração iniciada na revisão teórica acerca da Geografia Humanista, com autores como Eric Dardel, Y Fu Tuan, Parry R. Scoot, Abdelmalek Sayad, entre outros autores que dialogam com o método fenomenológico os conceitos de migração e de lugar.

Como metodologia, foi utilizado para as entrevistas a História Oral, na modalidade história de vida, que possibilita a compreensão e as percepções dos habitantes, acerca do lugar onde residem e sobre eles enquanto sujeitos inseridos no lugar e que vivenciaram a experiência da migração. Desta forma, para os resultados, foi utilizado a análise de conteúdo de Bardim, a fim de fazer o tratamento dos dados das entrevistas. No entanto, a identificação dos entrevistados, foi alterada, atribuindo-lhes nomes fictícios.

O recorte geográfico é o Sítio Taboado de Baixo, no município de Boqueirão – PB, que está situado no Planalto da Borborema², Cariri Paraibano da porção oriental no Semiárido brasileiro. De acordo com a mais recente divisão regional do IBGE, Boqueirão pertence à região intermediária e imediata de Campina Grande-PB, tem uma população estimada pelo último levantamento do IBGE em 2018, de aproximadamente 17.751 moradores.

O Sítio Taboado de Baixo se localiza a 8 km da sede e situa-se ao leste do município. Possui uma população estimada em aproximadamente 165 habitantes, (segundo levantamento feito com exclusividade para esta pesquisa) e povoa uma pequena parte das imediações do Rio Paraíba. Tem como atividades econômicas a agricultura (em temporadas de chuvas e irrigação), criação de animais, artesanatos de tapete têxteis simples e alguns pequenos comércios do ramo alimentícios (bodegas e bares). A seguir, mapa de localização.

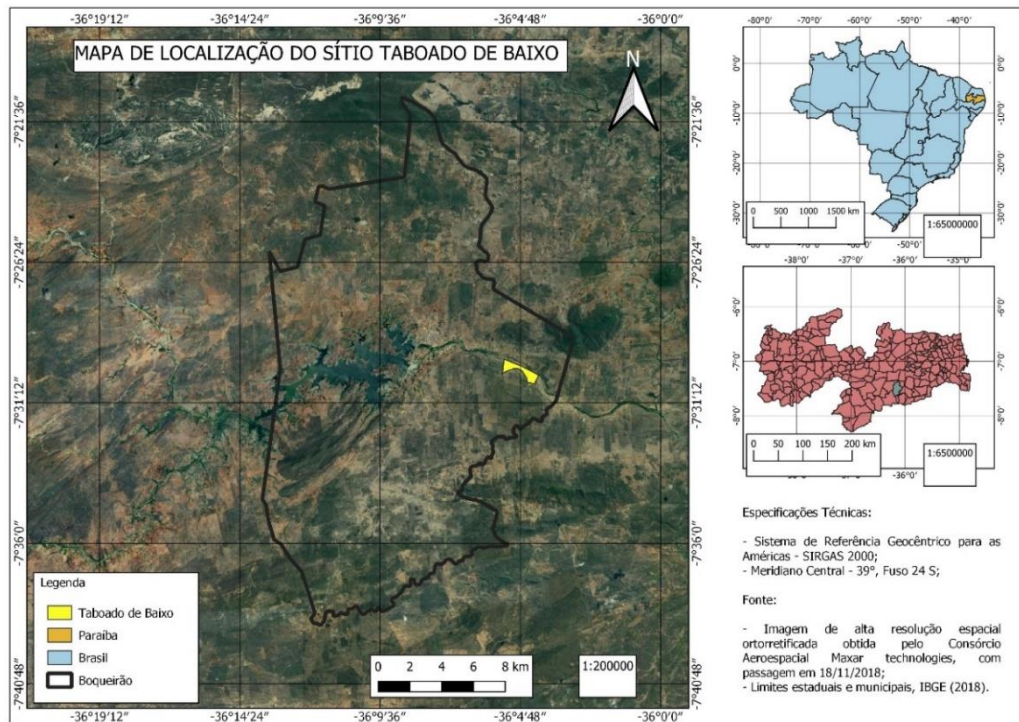
Este trabalho traz à tona os motivos das migrações de sujeitos da comunidade rural Taboado de Baixo, a forma como se estruturaram através deste fenômeno, algumas de suas geografias, como também algumas das diversas mesclas positivas e negativas que existem diante do fenômeno da migração.

O texto está estruturado em três seções, a primeira aborda as mesclas dos vários motivos e objetivos que envolvem o fenômeno da migração, a segunda faz uma introdução sobre o sujeito

2 O complexo Granitóide/Gnáissico do Planalto da Borborema tem a sua formação por maciços e outeiros altos e ocupa uma área de arco que se estende do sul de Alagoas até o Rio Grande do Norte, com solos rasos e vegetação *xerófila*, relevo movimentado, vales profundos, estreitos e dissecados e altitude variando entre 650 e 1000 metros (CPRM, 2005)

geográfico, relatando experiências de sujeitos que migraram de Taboado de Baixo para o Rio de Janeiro e o terceiro reflete alguns resultados percebidos nas geograficidades³ daqueles sujeitos e ainda por último, as considerações finais. Ao decorrer do texto, principalmente nos inícios de tópicos há citações da canção fotografia 3x4 de Antônio Carlos Gomes Belchior, apenas como ilustração, mas que provoca de forma geográfica e poética, reflexões sobre as migrações nordestinas.

Figura 1. Mapa de localização do Taboado de Baixo



Fonte: Elaborado pela autora com base em imagem Landsat e malha municipal do IBGE (2018)

2. AS MESCLAS DA MIGRAÇÃO

*Em cada esquina que eu passava, um guarda me parava
 Pedia os meus documentos e depois sorria
 Examinando o 3x4 da fotografia
 E estranhando o nome do lugar de onde eu vinha
 (BELCHIOR, 1977)*

De acordo com a Organização Internacional para as Migrações (OMI), migração é o “Processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocamento de pessoas, independente da extensão, da composição ou das causas.” Outrossim, o fenômeno da migração, que em todos os tempos tem provocado o movimento de pessoas no espaço, abarca diferentes motivações pelo decorrer da história global, isto prova, que a história humana, se confunde com a das migrações, seja por mudanças climáticas, catástrofes naturais,

³ Conceito geográfico, que se baseia nos movimentos dos sujeitos efetivados no espaço e que será adiante melhor apresentado no trabalho.

conquistas militares, insegurança, perseguição, insatisfação com os governos e também pela busca de melhores condições financeiras.

Isto implica que a migração dos sujeitos do Nordeste brasileiro, para qualquer lugar do mundo, é antes de tudo, um direito humano, “Toda a pessoa tem o direito de livremente circular e escolher a sua residência no interior de um Estado.” (DUDH)⁴ o que não se encaixa na lógica destes direitos, são as desvantagens impostas pelos Estados nações, como também, as imposições sociais, pautadas nas limitações regionais, para segregar uma camada específica da sociedade.

O que deve acontecer, para combater tal segregação é a criação de políticas públicas, cada vez mais eficazes, para acolher os nordestinos que residem em lugares com baixa condição de “desenvolvimento” econômico, a fim de valorizar as suas potencialidades e através delas, promoverem um melhor desenvolvimento regional, para atender as necessidades de quem estar vivendo em distâncias geográficas e sociais, relacionadas com os grandes centros “desenvolvidos” do país.

O que ocorreu desde 1950, no Nordeste brasileiro, é que os motivos pessoais e o direito humano de migrar dos sujeitos, se mesclaram com o oportunismo da condição política e hegemônica estatal, que para atender às necessidades elitistas, juntamente com os anseios capitalista segregadores, dividiram a nação brasileira, dando ênfase positiva ao Sul e Sudeste do país. Assim, ao institucionalizar o Nordeste, já com um discurso preconceituoso, que lhe proporcionou metonímias geográfica negativas, (entre elas, a pobreza, a seca e população “incivilizada”), a migração para o Sul e Sudeste passavam a ser não mais um direito, mas sim, uma fuga de lugares nordestinos e Semiáridos, por acreditar que não seria possível conviver com os limites ambientais da região. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009).

Desta forma, os sertanejos nordestinos, migrariam, para ser mão de obra potencialmente barata e a região se tornaria permanentemente dependente do “Sul desenvolvido”. Assim, o Nordeste passou a ocupar outra margem do Brasil, aprofundando a distância social, para não ser enxergado, nem pelo mundo, nem pela administração pública. A lógica, foi confundir a sua identidade. E, com a disseminação de imagens positivas que atribuiu-se para o Sudeste, também impulsionou a migração dos nordestinos para aquela região.

Este Nordeste é uma máquina imagética discursiva que combate a autonomia, a inventividade e apoia a rotina e a submissão, mesmo que esta rotina não seja o objeto explícito, consciente de seus atores, ela é uma máquina discursiva que tenta evitar que os homens se apropriem de sua história, que a façam, mas que sim que viva uma história pronta, já feitas pelos outros, pelos antigos; que se ache “natural” viver sempre da mesma forma as mesmas injustiças, miséria e discriminações (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009. p. 100).

A história pronta que os nordestinos foram incentivados a acreditar, os impossibilitariam de pensar em formas de sobrevivências em seus territórios, como também, fazia alguns não acreditarem em suas potencialidades e valores. Isto pode ter afetado negativamente o sentido psicológico de serem e estarem no mundo destes povos, que depois da categoria de seres humanos a que mais lhes cabem

4 Declaração Universal dos Direitos Humanos. Capítulo 13

como direito é a de “fortes”, assim como relatou Euclides da Cunha na obra “Os Sertões”. Mas as metonímias geográficas negativas, propiciavam a quem os via de longe como desvalorizados e a eles desacreditados em suas potencias.

Para entender as metonímias geográficas, que se intensificaram sobre o Nordeste, é importante dizer, que ela tem sua origem, na maneira de como foi imaginado a relação da região Nordeste com o resto do país. Assim como a firma Caio Marciel.

Seriam, enfim, mapas provisórios que falam sobre o estado da arte *geosófica* de um povo ou qualquer grupo social, como esquemas que estão ao mesmo tempo em permanente revisão, almejando adequar-se ao real e compreendê-lo. Tal compreensão deve ser vista enquanto uma interação com o mundo. (MACIEL, 2009. P. 38)

Tal *geosofia*⁵ é o que leva a imaginar o mundo, de ver sua relação com os sujeitos, de todos os pontos de vistas, inclusive o imaginário. E para o Nordeste, serviu para criar uma metonímia e colocá-lo no patamar da imaginação, sem se preocupar com a sua realidade. Ou seja, não ter a pretensão de lhes dar o significado justo, mas de deixar que o olhar de quem o apreciasse, retirasse as suas próprias conclusões, só que embasadas nas lógicas impostas que lhes foram atribuídas. Pois, para o nordestino do interior, em alguns pontos, de fato existe áreas com estiagens, com pouco povoamento e pela dimensão do território brasileiro também existem distancias geográficas.

Mas não foram somente, esses lugares, que tiveram essa forma distorcida de sua identidade, foi tomado nesse discurso, uma parte pelo todo. Ou seja, uma pequena área, com uma situação, até mesmo temporária, serviu de parâmetro para modelar o Nordeste brasileiro, fato que levou os diversos sertões, com suas diversas identidades, a serem enquadradas em apenas uma imagem, um retrato que descaracterizava o seu povo e sua diversidade cultural.

Mas sair do lugar de origem, para experimentar outros, nem sempre foi uma ação baseada apenas em necessidades financeiras e de condições ambientais. É também, um desejo de muitos sujeitos, conhecer outros “mundos”, é algo a mais que o ser humano leva consigo, durante toda a sua jornada de vida. Isso está nas entranhas do ser, do ser alguém que explora o espaço, que “ganha” a liberdade. Isso porque: “o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” (TUAN, 2013, p. 11).

Tal segurança e tal liberdade é algo que o sujeito procura através de suas experiências, isso porque também, de acordo com o mesmo autor,

A experiência, é um termo que abrange as diferentes maneiras, por intermédio das quais, uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras, variam desde os sentidos

⁵ O termo geosofia refere-se ao geógrafo estadunidense John Kirtland Wright, em 1946, no discurso proferido para a Associação dos Geógrafos Americanos (AAG). Na ocasião, pensando as terras incógnitas que ainda restariam a ser exploradas após satélites, aviões e outras tecnologias mapearem ponto por ponto a superfície terrestre, John K. Wright (2014, p. 18) sugere que “[...] as mais fascinantes de todas as terrae incognitae são aquelas que ficam dentro das mentes e corações dos homens”. Interessado no lugar da imaginação na Geografia estava ele considerando um conhecimento geográfico distinto do institucionalizado, a geosofia enquanto “[...] estudo do conhecimento geográfico a partir de qualquer ponto de vista” (WRIGHT, 2014, p. 14 *apud* GALVÃO FILHO, 2018).

mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização” (TUAN, 2013, p.17).

O ser humano necessita viver às experiências, pois são elas que dão a resposta ao corpo através dos sentidos sensoriais, para poder sentir efetivamente a sua existência. Este fator é o que também impulsiona as migrações e o movimento da vida no planeta. Pois a dinâmica do movimento, dos atores humanos e não humanos, acompanham a lógica de todo o movimento da Terra e de tudo que existe no mundo, isto porque os sentidos sensoriais, impulsionam os movimentos dos corpos humanos.

Em uma comparação com a Geofilosofia, a qual explica o pensamento através da desterritorialização e do movimento contínuo das ações e que através delas justifica o pensar. Refletimos aqui com Deleuze:

Pensar se faz antes na relação entre o território e a terra. Vimos, todavia, que a terra não cessa de operar um movimento de desterritorialização *in loco*, pela qual ultrapassa todo território: ela é desterritorializante e desterritorializada. Ela se confunde com o movimento daqueles que deixam em massa o seu território, lagostas que põem a andar em fila no fundo da água, peregrinos ou cavaleiros que cavalgam numa linha de fuga celeste. A terra não é um elemento entre os outros, ela reúne todos os elementos num mesmo abraço, mas se serve de um ou de outro para desterritorializar o território. (DELEUZE, 2016, p. 103.)

A migração é um elemento e um fator que ocorre na coleção de dinâmicas da terra, é como o movimento do pensar. É como ocupar territórios da mente. Desocupar e ocupar neurônios com ideias. Migrar é ocupar e desocupar lugares, é a busca do encontro do sujeito com ele mesmo, com a liberdade que ele procura nos espaços e a afetividade que ele só encontra nos lugares que ele cria, através das relações com as pessoas e com os geossímbolos⁶, que pode ser definido como “um lugar, um itinerário, uma extensão, que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assumem uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade” BONNEMAISON, 2012, p. 292).

O Taboado de Baixo como um lugar qualquer do mundo e coincidentemente do interior do Nordeste brasileiro, não ficaria de fora dessa realidade migratória que movimentou o país. Em Taboado de Baixo, quase todas as famílias, tiveram migrantes para o Sudeste, também houve migrações para o Norte, Centro-Oeste e Sul, mas este trabalho, dedicasse a analisar as experiências dos sujeitos migrantes para o Sudeste, especificamente para a cidade do Rio de Janeiro, RJ.

A fim de compreendê-las, foram ouvidas cinco pessoas, indivíduos que migraram para o Rio de Janeiro e retornaram a algum tempo depois para morar no Taboado de Baixo. São migrantes de retorno inter-regional, pois o “migrante de retorno é qualquer pessoa que tenha nascido ou residido no Nordeste, passado algum tempo morando fora da região, e que atualmente tenha retornado e resida em seu lugar

⁶ Os geossímbolos são representações onde estão inseridas marcas afetivas, são elementos naturais, itinerários ou estruturais de um lugar que têm significado para os conhecedores de um determinado lugar. São os equipamentos arquitetônicos, as crenças religiosas, os eventos sociais etc. Eles de certa forma, estão ligados à memória e às lembranças dos sujeitos. Ex: Igrejas, pontes, escolas, rios, riachos, festas etc.

de origem ou em algum outro lugar do Nordeste.” (SCOTT, sem data, p. 169). A seguir o texto apresenta os relatos concedidos pelos entrevistados. A ideia é perceber também o que não foi dito com palavras, mas que a subjetividade revelou.

3. SUJEITOS MIGRANTES E SUAS HISTÓRIAS DE VIDA

*Pois o que pesa no norte, pela lei da gravidade
Disso Newton já sabia, cai no sul grande cidade
São Paulo violento, corre o Rio que me engana
Copacabana, Zona Norte
E os cabarés da Lapa onde eu morei
(BELCHIOR, 1977)*

Um sujeito é, a partir do sentido cognitivo, ao qual ele se percebe no mundo e reconhece a sua noção de existência em sentido orientado. Ele, enquanto sujeito, só consegue esta condição, porque se entende como um ser e um objeto, é essa a encruzilhada que lhe dá um nexos, que lhe tira da condição puramente de natureza material e lhe coloca no cerne da existência humana, porque ele tem, a partir desta condição subjetiva, o poder para transformar o espaço de forma consciente.

O sujeito em geografia significa, dentre outras possibilidades, compreender o sujeito enredado nos mais variados fenômenos geográficos, passível a seus métodos, conceitos e campos temáticos, e não, propriamente, compreendê-lo somente como produtor do conhecimento geográfico. Esse edifício perpassa o reconhecimento do sujeito implicado no objeto geográfico tematizado, o que reabre a discussão de compreender tal fenômeno como um *modo de ser* do homem segundo uma *geograficidade*. Essa possibilidade ontológica supõe a empirização do sujeito ou, se preferir, uma encarnação em um corpo que lhe autorize *estar* como um modo específico de *ser...* (LIMA, 2014, p. 14, itálico no original *apud* SOUZA, 2015, p.62).

Nessa imbricação dos sujeitos, que define as suas formas de ser e estar no mundo, o migrante tem um papel importante dentro de uma sociedade, a qual caminha através das territorialidades e das desterritorialidades, isso porque ele proporciona esse movimento dele com a Terra e com os movimentos da natureza a qual ele é parte importante dela. É na Terra e se fazendo parte dela, que o ser humano completa a harmonia universal.

Além de sua condição telúrica e universal, o sujeito é também um repertório de vários contextos. Os fenômenos geográficos o acompanham, fazem parte dele enquanto ser que se orienta pelos sentidos psicológicos e que consegue ser sujeito geográfico capaz de se nortear e direcionar desejos e experiências.

Esta seção, se dedica ao relato e a algumas reflexões, acerca das experiências dos sujeitos taboadenses, que foram migrantes em um determinados momentos de suas vidas. São pessoas que viveram no Taboado de Baixo, passaram parte de suas vidas no seu lugar de origem, mas que em outros momentos, precisaram migrar para conseguir trabalho remunerado e depois de algum tempo, retornaram para à terra natal na intenção de residir definitivamente.

Através disto, acompanhamos agora, o relato de vida do Sr. Pedro, que migrou para o Rio de Janeiro ainda menino, mas já se considerando homem grande, em busca de melhoria de vida para seus pais e seus irmão mais novos.

Relato de vida de Pedro (86 anos)

Comecei a migrar para o Rio de Janeiro no ano de 1952. Fui para o Rio de Janeiro para criar os meus irmãos, que pai não tinha condições, eu tinha 18 anos, (No documento, pois aumentara 3 anos da sua idade real), aumentei a idade para tirar os documentos porque se tirasse com a idade certa ia para o exército. Chegando no Rio de Janeiro eu passei lá 4 anos entre duas viagens. Depois vim embora para casar e após dois anos comecei a viajar novamente para o “sul” (Belo Horizonte) para trabalhar de camelô. No tempo que fui para o Rio de Janeiro, era porque aqui não tinha serviço, foi um tempo que não tinha serviço aqui em época de verão, aí era um rebanho de irmão, pai não podia trabalhar, aí mãe tomou dinheiro emprestado para eu ir para o Rio. Assim mesmo passei um ano no Rio que nem ao cinema ia, porque o dinheiro de 15 em 15 dias mandava pra casa. Quando eu cheguei no Rio, por um lado, tudo foi fácil, quando eu cheguei na firma, que arrumei serviço, aí não faltou mais nada pra eu trabalhar e manter a família. Outra coisa, quando cheguei no Rio de Janeiro eu pensava que era uma cidade mais pequena, nesse tempo, quando a pessoa chegava em São Cristóvão, era cheio de gente chamando para trabalhar, chamaram pra São Paulo, mas não quis, porque tinha um parente lá que eu queria encontrar e ficar junto. Lá eu me senti muito bem, era bom. Era lá dentro do mato que não tinha casa, só tinha mais as obras. Mas lá, eu me sentia satisfeito, embora não tinha a liberdade que tem aqui, a diferença é que lá a gente sempre pegava em dinheiro e aqui ninguém pegava, mas aqui tinha a liberdade, todo mundo era conhecido (Pedro, 86 anos).

Para Pedro, a saída de seu lugar de origem, para encontrar um trabalho remunerado, era uma urgência naquele momento, ele necessitava ajudar aos pais a criar os irmãos mais novos. Pois o Cariri paraibano, passava por uma temporada de estiagem, e ele, menino ainda, no início da juventude, se responsabilizava a dar ao que comer para a sua família. Para ele, qualquer trabalho que aparecesse na terra de chegada, era bem-vindo. “Quando se chega na ‘terra prometida’, qualquer ganho maior ao que seria possível arranjar antes de sair, lhe parece atraente” (SCOTT, s/d, p. 666).

Mas não era a sorte que estava a seu lado, como lhes pareceu pelo fato de arranjar imediatamente um trabalho, o que acontecia naquele momento, era a urgência de mão de obra, era a necessidade da força e da potência daquele homem ainda pequeno, que chegava para colocar em prática o projeto de “desenvolvimento” que estava planejado. O que Pedro não imaginava, era que aquele planejamento todo, pensado por quem estava no domínio social, não chegaria a beneficiar a ele e nem a sua família que ficou no Nordeste planejado, o qual estava idealizado para descaracterizar a identidade do seu povo. O que lhe caberia, seria apenas o seu minimíssimo salário e a privação de sua vida social e afetiva.

O que lhe coube, naquele momento, foi acreditar naquela bonança imaginada por ele. Era de certa forma, se obrigar a acreditar nas almeçadas possibilidades de ganhar o dinheiro necessário para ajudar à sua família. Era psicologicamente aceitar às condições de trabalho e de vida social que lhes foi oferecida. Pedro, estava naquele momento atendendo somente às necessidades de quem planejou o “desenvolvimento” do Sudeste do país e a minoração do Nordeste.

Minorar o Nordeste é reduzir toda a sua paisagem, isto compreende desde a sua condição ambiental até aos modos de viver dos sujeitos, é inclusive reduzir as suas humanidades e seus jeitos de serem e estarem no mundo. Pedro diz que migrou porque o seu lugar de origem estava passando por um momento de forte estiagem e que não tinha trabalho remunerado para a população daquele lugar naquela época.

O que ocorre é que a estiagem do Semiárido não pode ser considerada uma lástima para quem vive nas regiões semiáridas, a estiagem que muitos, erroneamente, chamam de seca, é uma condição ambiental, que impossibilita por vezes, as plantações por falta da chuva em alguns períodos. Mas não só existe esta forma de plantação, há também outras formas, como também existem outros meios de realizar atividades econômicas, mas que precisam serem valoradas e enxergadas pelos poderes públicos, a fim de realizarem políticas públicas para o desenvolvimento de outras atividades socioeconômicas nas comunidades rurais do Semiárido brasileiro.

Pedro também se identifica ao chegar na cidade do Rio de Janeiro com a paisagem, ele diz, que o bairro de São Cristóvão, tinha muita vegetação e poucos prédios. Este fator, parece que o fez sentir-se mais próximo do seu ambiente de partida, que de certa forma, o remetia proximidade e memórias telúricas de suas origens. Ali, ele estava, mesmo que sem muita consciência disto, para junto com os demais sujeitos migrantes e não migrantes, a transformar aquela paisagem. Transformação que se deu pelos nordestinos com a sua força de trabalho; e os fluminenses e cariocas com suas ideias progressistas, exercendo as suas forças de trabalho em atividades mais sofisticadas, intelectuais e administrativas.

Para ele, outro fator importante, para escolher ficar no Rio de Janeiro, apesar de receber outros convites para trabalhar na cidade de São Paulo, foi a possibilidade de encontrar pessoas conhecidas, os quais tinham possibilidades de lhes dar a “segurança” afetiva que ele buscava naquele lugar, para poder permanecer fora de sua terra natal. Fato este, que para muitos nordestinos, ou quase todos os seus imigrantes, foi as redes migratórias que possibilitaram o acolhimento de nordestinos que migraram primeiro, para com outros nordestinos que também vinham para o Sudeste do país. Como afirma SOUZA.

É nítido que a construção da rede migratória se pauta numa lógica cooperativa e de solidariedade, movidas prioritariamente não por uma lógica instrumental, mas regida por uma racionalidade comunicativa, que viabiliza a construção de territórios-rede mediados pelo sistema migratório e promotores de multiterritorialidades. Mas estes territórios têm características singulares, são reticulares, não contíguos, assumem forma de rede e influenciam o modo como se constitui a população da região e, ao mesmo tempo, e os discursos acerca dela (2015. p. 189).

A migração em rede foi o que possibilitou a muita gente a ir trabalhar em outras regiões do país, pois com pessoas da mesma família e/ou amigos já residindo lá e com alguma estrutura, se tornava mais fácil a ida de outros para trabalhar e viver fora de seu lugar de origem. Para Pedro, isso representou um

alento, encontrar um conhecido para poder ter alguém, que pudesse ser para ele, um amigo e com isso ele ter fora de seu lugar de origem alguma afetividade.

Trabalhar o ano inteiro e não lhe sobrar dinheiro para um ato de lazer parece ter sido dolorido para ele, pois o ser humano encarregado de suas atribuições sociais, também necessita de atividades lúdicas que lhe tragam prazer e reative sonhos por meio de alguma fantasia. Mas viver como imigrante nordestino no Rio de Janeiro, não era possível naquele momento para ele, desfrutar de tal ócio. Pois os que ficaram, à sua dependência financeira, esperavam a sua generosa contribuição. E o trabalho subalterno que ele exercia, não lhe era suficiente para manter as suas necessidades. “O uso de trabalho, é o dominante, especialmente num contexto de uma política nacional repressora de mão-de-obra, cujas ações legitimam e trilham os caminhos da degradação das condições de sobrevivência do trabalhador, em nome do bem da nação” (SCOTT, s/d., p. 665)

E em nome do bem da nação não lhes faltou trabalho e nem empresas interessadas na mão-de-obra barata, que os migrantes nordestinos levavam naquele momento para o Sudeste, como ele disse, bastava chegar lá na “terra prometida” que os empregadores já chamavam para trabalhar, inclusive não só no Rio de Janeiro, mas também em São Paulo. Trabalho não lhes faltava, mas as condições de trabalho eram desfavoráveis aos imigrantes nordestinos, pois as necessidades entendidas por eles, naquele momento, não os deixavam ver as desvantagens embutidas nas oportunidades de ganhar algum dinheiro.

Pedro, já no auge de seus oitenta e muitos anos, mostrou com as suas generosas marcas corporais, com seus inúmeros lances de olhares muito marcados pelo tempo e pelas suas geograficidades, as suas experiências, muito poucas delas ditas com palavras, mas que mostradas com seus gestos e expressões subjetivas. Pedro, representa muitos migrantes nordestinos, ele é um marcador de tempos para aquela comunidade rural que muito submeteu os seus habitantes à migração.

Pedro é um homem forte⁷, não por sua compleição física, mas por ser um homem do campo, um sujeito do Cariri. Um homem que soube se manter na terra, porque aprendeu com os elementos da natureza, que lhe ajudaram a ser um agente na configuração da paisagem local. O sol forte, a mata branca, a chuva pouca e um solo firme, ambos com resistência para suportar as suas existências, estava explícito ali, naquele momento, a sua grandeza em meio a tanta simplicidade.

Pedro contribuiu naquela época com sua mão de obra, para o desenvolvimento da construção civil do Rio de Janeiro, com quatro anos de sua vida, durante este tempo fez apenas uma visita à sua família e à terra natal. No término deste período, casou-se para construir a sua família de esposa e filhos

⁷ Ao conversar com Pedro, notei que seu olhar se encheu de lágrimas. Quase caiu. Pois a fortaleza que ele também demonstrou, com o olhar, quando se perdeu por vários momentos em seus lampejos de lembranças. Não a deixou cair, segurou-a, assim como segurou as dificuldades de uma vida de homem lavrador da terra e migrante nos momentos de necessidades maiores.

e com mais dois anos seguintes, volta a migrar, deixando outra vez a sua família, e agora não mais a de pais e irmãos, mas a esposa e o seu primeiro filho (outra história que contarei sobre Pedro em outro trabalho). Desta vez, não mais para a cidade Carioca, mas para outra capital do Sudeste, Belo Horizonte. Foi em busca de novos horizontes e construir outras geograficidades.

*Mesmo vivendo assim, não me esqueci de amar
Que o homem é pra mulher e o coração pra gente dar
Mas a mulher, a mulher que eu amei
Não pode me seguir, não
Desses casos de família e de dinheiro eu nunca entendi bem
Veloso, o sol não é tão bonito pra quem vem do norte e vai viver na rua.
(BELCHIOR, 1977)*

Relato de vida de Carlos (60 anos)

Migrou para a cidade do Rio de Janeiro, em busca de um trabalho remunerado. Pois a renda mensal que ele estava alcançado no fim da década de 90, não estava sendo suficiente para sustentar a sua família. Daí ele entendeu ser a hora e a única saída para ele, migrar para a cidade carioca, onde através da sua visão de mundo, seria possível alcançar uma melhoria financeira.

Migrei para o Rio de Janeiro no ano de 1999. Primeira vez passei um ano e dois meses, depois voltei e passei mais 4 meses lá. Tomei a decisão de ir, por causa da minha situação financeira, porque não tinha ganho aqui. Tinha 3 filhos para dar de comer e não tinha como eu fazer a minha renda mensal sem o trabalho. Ao chegar no Rio de Janeiro, pelo que eu já pensava de lá, não achei diferente não. Eu só tinha um dia de folga e assim mesmo no dia de folga, eu passava a noite tdinha no serviço, entrava no sábado de 7 horas da manhã e saía no domingo de 7 horas, isso no dia de folga. Pra mim, a cidade era muito linda e tanto dos meus irmãos e do pessoal que eu trabalhava, me acolheram muito bem, os patrões também eram bons, me acolham muito bem lá. Não passei por nenhuma situação de estresse, só no final um problema de saúde que tive que voltar. Não me sentia muito satisfeito lá porque era sozinho, fora da família, porque os meus irmãos era família, mas o principal era a minha. Lá ganhar muito, muitas vezes, não dá em nada e ganhar o pouco aqui, dá na mesma coisa (Carlos, 60 anos).

Para Carlos, a sua experiência de ir ao Rio de Janeiro para trabalhar um certo tempo, até conseguir os resultados financeiros que planejou, foi importante naquele momento. Deixar a sua família de esposa e filhos parece ter sido a sua maior dificuldade ao viajar. Os planos de Carlos, era de passar apenas uma temporada, a qual resultou na sua primeira ida em um ano e dois meses, Depois retornou, ficou mais quatro meses e foi embora de vez para o Taboado de Baixo.

Para Carlos, havia um planejamento para o tempo de permanência no Rio de Janeiro. A sua intenção era conseguir uma renda financeira para além da renda básica do sustento mensal da família, ele foi para conseguir uma reserva financeira a fim de investir em uma atividade econômica, para ele, esta era uma possível solução para que pudesse dá um rumo à sua vida em aspectos financeiros e ter um trabalho remunerado na sua terra de origem.

Carlos deixa claro, que a cidade lhe acolheu e isso pode ser o resultado da rede migratória que o aguardava (SOUZA, 2015). A família, que não era a de filhos nem a esposa, mas irmãos e outros parentes, lhes proporcionaram afetividades para que ele pudesse viver o tempo que ele julgou necessário para cumprir a tarefa de juntar algum dinheiro e sustentar a família.

Ele se sentiu acolhido pelo lugar, isto indica que pode ter sido pelo fato de pessoas da família estarem lá e o acolherem. Carlos, demonstra que o contato com familiares, contribuir para que ele pudesse ver e sentir a cidade do Rio de Janeiro com um certo afeto.

O fato de trabalhar excessivas horas, inclusive nas folgas, foi a condição que ele encontrou, aceitou para poder juntar o dinheiro que ele julgou necessário, para quando ele voltasse para a terra de origem, pudesse investir em algum tipo de segmento de trabalho que ele pudesse manter-se com a sua família.

Carlos não menciona o trabalho com agricultura, assim como muitos sujeitos enxergam como primeira opção de trabalho. O que transpareceu na sua entrevista, foi que ele procurava também uma atividade assalariada, que poderia ser em outros seguimento fora do trabalho que fosse efetivamente com a terra.

Carlos, ao voltar de vez para sua terra natal, não teve mais a necessidade econômica de migrar. Com as economias que conseguiu juntar com o trabalho no Rio de Janeiro, comprou um ponto comercial na feira central da sede do município e trabalha no ramo de alimentos. O seu ponto comercial, é um dos mais visitados pelos taboadenses em dias de feira. Ao que parece, e de acordo com seu relato, não há mais a intenção de voltar a migrar. Ele disse tudo isso em tom de alívio, de ter passado uma fase difícil em sua vida, mas que superou e que hoje se sente tranquilo em morar no Taboado de Baixo.

Relato de vida de André (45 anos)

André, foi para o Rio de Janeiro, também para suprir uma necessidade financeira, mas que foi também, uma vontade de viver uma aventura, conhecer outro lugar e ganhar mais dinheiro.

Já migrei para o Rio de Janeiro, fui para o Rio em 1994. Fui através das condições de vida que tinha aqui e lá era bem mais fácil para trabalho, aí trabalhei lá 16 anos e gostei. O Rio de Janeiro, pra mim, foi bom em questão de trabalho, com o passar do tempo, o trabalho foi diminuído e as consequências foram aumentando, devido ao salário e custo de vida bem mais alto. Eu não me sentia feliz, não tanto como aqui no Nordeste, lá foi uma aventura, uma questão de trabalho, uma tentativa de dar certo e deu em muitas coisas: de conseguir emprego, trabalhar um tempo fora, fazer uma experiência pra ver se dava certo. Voltei porque os trabalhos diminuíram, aí vim para o Nordeste, voltei pra terra que era a origem minha. Gostava do Taboado de Baixo, aqui me sinto feliz, uma pessoa honrada de estar no lugar que é a minha origem. Aqui eu trabalho e participo de algum evento, o que tem na comunidade e eu posso participar eu participo. Pelo Taboado, eu tenho sentimento bom, sentimento acolhedor, me sinto bem no lugar, nesse momento, não tenho vontade de trocar por outro lugar. Lá no Rio foi bom, eu não reclamo não, dos 16 anos que passei lá, foram 15 anos de carteira assinada, aí quando cheguei aqui dei baixa na minha carteira, me cadastrei como agricultor e comecei do zero, aí no caso, se eu for para o Rio e assinar carteira novamente, eu tenho que trabalhar 45 anos para poder me aposentar. Mas aqui do meu lugar eu sempre gostei (André, 45 anos).

Sobre André, percebo em suas falas e expressões, que a sua migração é muito mais fruto da vontade de conhecer outras realidades que mesmo da necessidade. Tal vontade, embasada na lógica moderna do poder de compra, já que ele não necessitava trabalhar para sustentar uma família, mas almejava realizar sonhos materiais. André deixa claro que voltou porque gosta do lugar de origem, que o Nordeste é para ele a sua referência indenitária, isso porque os geossímbolos que o acompanharam em sua ida deixaram uma marca profunda no seu ser.

André, ao se destinar ir à procura de realização de sonhos, foi além do que ele entendia de conseguir mais condição financeira, viveu experiências pautadas no fenômeno da migração que o fez perceber a importância que seu lugar de origem tem para ele. Os vínculos que ele estabeleceu no Taboado de Baixo, não se diluíram com o tempo. Ele deixa transparecer em sua fala, que em um dado momento, lhe pareceu que a busca por um trabalho diferente dos que ele podia exercer na sua comunidade, lhe tenha atraído, mas que ao voltar, também percebeu que muito lhe agradava as condições de vida e de trabalhos remunerados que a sua comunidade oferecia, mas isto já nos anos dois mil, inclusive ele menciona o amparo civil que lhe assegurava a sua aposentadoria.

Relato de vida de Dimas (65 anos)

O motivo inicial da migração para Dimas, se inicia não por uma urgente necessidade financeira, mas para procurar solução para tratar um problema de saúde.

Minha ida ao Rio, é que eu fui me tratar porque estava doente, aí gostei. Voltei novamente para lá e fui trabalhar, mas por necessidade, porque tinha família e aqui não tinha condição de criar, aí fui para lá trabalhar e criar meus filhos. Quando meus filhos se criaram eu levei para lá e passei mais cinco anos com eles lá, deixei eles encaminhados lá e vim embora para aqui de uma vez e com isto foram 23 anos de luta para lá e para cá. Quando fui a primeira vez, eu tinha 28 anos, foi no ano 1989. Voltei porque sou da Paraíba, sou de Taboado de Baixo, sou do município de Boqueirão e gosto da Paraíba demais. A gente nordestino sai daqui para o Rio de Janeiro, vai para uma favela, vai sofrer, mas pra quem sabe viver, vive em todo canto, eu não achei nada ruim, sofri um bocadinho porque a leitura era pequena, mas eu sempre fui desenrolado, criei meus filhos, hoje estão tudo criado, não tenho nada a reclamar do Rio de Janeiro, mas para trabalhar não vou mais não, posso ir a passeio. Me sinto muito satisfeito de ter ido trabalhar lá, conheci um pouco do mundo, de lá fui até São Paulo e Minas Gerais, para mim, o Rio de Janeiro é um lugar bom (Dimas, 65 anos).

Dimas foi para o Rio de Janeiro inicialmente para tratar um problema de saúde, isto indica que para os habitantes de Taboado de Baixo, o acesso aos serviços de saúde não era suficiente para atendê-lo. Mas foi e conseguiu fazer o tratamento que ele estava precisando na época.

Mas ele deixado os filhos e esposa no Taboado de Baixo. Voltou para viver com eles. Já depois que os filhos estavam criados, retorna novamente para Rio de Janeiro e dessa vez para trabalhar, o motivo foi uma dificuldade financeira. Quando ele foi pela segunda vez, levou com ele o filho mais velho e depois foram também para viver lá, a esposa e os outros dois filhos.

No relato, Dimas diz que para ele, a experiência de trabalhar no Rio de Janeiro e viver lá com a família, não foi ruim, mas o fato de ele ter ido morar em favelas foi impactante para eles, pois tinha saído de um lugar rural, com uma dinâmica conservadora e familiar, para conviver em um espaço urbano e periférico, com realidades cotidianas diferentes das que ele estava acostumado. Pois, enfrentar a cidade grande, com outras rotinas de trabalho, tendo pouca escolaridade, foi uma das maiores dificuldades.

De lá, ele pode conhecer outros estados do território brasileiro, fato que na visão dele, se não tivesse migrado para o Rio de Janeiro, talvez não teria acontecido, isso por causa das condições financeiras e da distância geográfica entre o estado da Paraíba e os outros estados do Sudeste que ele conheceu.

Voltou para morar No sítio Taboado de Baixo, porque gosta do lugar, e em sua fala, ele expressa, que não somente o sítio, mas o município, o estado e a região aos quais ele pertence enquanto sujeito, são lugares onde realmente moram a sua afetividade.

Relato de vida de Rafael (28 anos)

Rafael foi morar no Rio de Janeiro ainda na adolescência. Filho do também migrante Dimas, já citado, passa por experiências impactantes, mas que contribuíram para o seu crescimento pessoal.

Eu fui para o Rio de Janeiro em 2002, eu tinha 14 anos. Eu fui porque meus pais tiveram que ir, o meu irmão mais velho já estava lá e meu pai, como a gente morava sozinho com minha mãe aqui, aí teve oportunidade de levar todo mundo pra lá e reunir a família por lá, a situação financeira, questão de trabalho para eles e foi melhor levar todo mundo pra lá. Lá no Rio de Janeiro foi uma experiência boa para mim, não tenho que reclamar do Rio de Janeiro não, pra mim, lá, graças Deus, foi onde eu consegui minhas coisas. Quando eu cheguei lá não era o que eu imaginava, a gente tem uma impressão muito diferente, a gente que é daqui, a gente pensa que é aquilo que sai na televisão, aquelas coisas bonitas, aquelas coisas lá de favela eu nunca imaginava isso, a gente aprendeu lá na prática como é o Rio de Janeiro de verdade, ter que morar em favela, ou comunidade, trabalhar muito. No início a questão de trabalho era complicado, porque eu era de menor, não podia arranjar trabalho e tinha que estudar também, saí daqui eu estava na 6ª série e até o 3º ano concluí meus estudos lá e por ser de menor e não poder assinar a carteira o que eu fazia lá era lavar carro, esses serviços assim, que era pra poder ganhar algum dinheiro e também ajudar em casa. Eu voltei para o Taboado de Baixo em busca de liberdade, que é coisa que a gente não tem lá, lá é uma cidade para ganhar dinheiro, mas a questão de liberdade a gente não tem, construir uma família. E lá se a esposa também não trabalhar não tem condição de sustentar um filho. Aqui eu me sinto bem, eu gosto demais desse lugar, graças a Deus é o lugar que a gente nasceu se criou. Aqui a família é tudo perto, questão de amizade também, aqui graças Deus é todo mundo amigo, tem liberdade de deixar criança, a religiosidade também porque sou devoto de São João Batista também. Aqui só é um pouco parado na questão de trabalho, aqui você trabalha muito pra ganhar pouco, mas este pouco é melhor do que ganhar o muito, longe e outras coisas aqui não tenho o que reclamar não, é um lugar calmo. A experiência negativa que passei no Rio de Janeiro foi a questão de tiroteio, a violência é muito grande, apesar de ter morado em bairro tranquilo tinha violência também. Quando a gente sai daqui pra lá, de menor, sem muita experiência, nunca tem visto tanta violência, nem mesmo tinha visto pessoas mortas e ver gente mortas nas ruas de bala e tiroteio, é muito forte, vi senhoras, vi crianças mortas na rua com armas de grosso calibre. E a coisa boa lá foi a experiência que tive ao entrar no quartel lá, tive oportunidade de entrar, passei 8 anos, pude viajar para muitos lugares, conheci a Amazônia, Minas Gerais, foi uma experiência muito boa que levo para o resto da vida, fiz muitas amizades que até hoje ainda tenho, aprendi muita coisa. Espero para o futuro criar meu filho aqui, batalhar, ensinar a ele ser um guerreiro na vida também, igual a nossos avós, meus

pais e a eu também e viver a vida com saúde que é o mais importante e com Deus no coração (Rafael, 28 anos).

O “menino” Rafael, que saiu de seu lugar como migrante, viveu experiências fortes. Trabalhou ainda na menor idade fazendo “bicos”, lavava carros e outros serviços que não fosse obrigado a assinar a carteira de trabalho, isso para ajudar aos pais e para se manter na cidade grande. Estudou, fez o ensino médio, entrou para o Exército Brasileiro, viveu entre a violência criminal em favelas. Segundo ele, encontrar pessoas mortas em seu trajeto diário, armas de grosso calibre e tiroteio fazia parte da sua paisagem.

O fato é que Rafael, ainda na fase da adolescência, por ser um menino “pobre”, migrante nordestino, filho também de migrante, foi obrigado a trabalhar ainda na menor idade, em trabalhos subalternos para poder contribuir com a renda da sua família.

O que Rafael imaginava da cidade do Rio de Janeiro, não foi a realidade encontrada por ele. Ele foi esperando ver uma paisagem que ele conhecia talvez, pelas novelas de televisão, ou pelas ênfase histórica que foi dada ao Sudeste do país como sendo a região do “desenvolvimento” social, das belezas naturais e das possibilidades de oportunidades para mais qualidade de vida.

Segundo Durval Muniz, esta é uma lógica pautada na ideia de segregação regional, para com o Nordeste brasileiro, na qual foi construída uma imagem bonita e positiva do Sudeste, que se sobressai na do Nordeste e que provoca em alguns sujeitos nordestinos, uma visão de positividade que não condiz com todos os pontos da região e nem das cidades. Pois as áreas periféricas existem, têm suas desvantagens em relação ao cotidiano nordestino e geralmente são elas que abrigam os imigrantes do “pobres” do Nordeste, que vem em busca de trabalho.

Rafael, serviu ao Exército Brasileiro, por oito anos, é o que aparentemente lhe deixa mais feliz ao relatar a sua migração, foi um fator positivo. Conheceu através disto, outros Estados brasileiros. O brilho do seu olhar aumentou quando disse que tinha conhecido a floresta Amazônica e quando disse que as amizades será a experiência que vai acompanhá-lo para o resto da vida.

A experiência de Rafael com a migração foi de natureza diferente das dos demais sujeitos migrantes. Uma diferença geracional entre ele e os demais sujeitos. Estudou, concluiu o ensino médio e serviu às Forças Armadas. Enquanto quem os outros migrantes não tiveram a mesma oportunidade de fazer tais escolhas.

Voltou para o Taboado de Baixo em busca da sua liberdade. Quer viver perto da família, criar o filho que nasceu logo após o seu retorno. Uma coisa que é importante dizer de Rafael, é que ele ao voltar, construiu a sua casa, no mesmo lugar onde no passado existia uma residência de pessoas da família Oliveira, da qual ele faz parte. Tal família foi a que fixou morada na região trazendo a imagem de São João Batista e deu início a devoção das novenas e a tradição religiosa do lugar.

Ele, de certa forma, renova e dá um novo sentido à dinâmica social e cultural da comunidade, isso porque com a construção do seu lar, no local onde era feita a festa religiosa do padroeiro mas que já tinha sido demolida, traz movimento à paisagem que já estava sendo apagada, mas que agora se renova com as raízes da mesma família. Outro fato, que ele também deixou claro, é a sua satisfação de poder voltar para viver a religiosidade enquanto devoto do santo padroeiro da sua comunidade. Ao final de sua fala, expôs a esperança de criar o filho nos valores de seu contexto familiar e da confiança em Deus.

Rafael, expôs em suas falas e expressões, o desejo de passar para seu filho, os valores que adquiriu com os seus antepassados. Expressa um desejo de viver as identidades que ele tem com o seu lugar e fala da felicidade que sente em viver no Taboado de Baixo. A pausa no movimento que aquele lugar provoca em Rafael, lhe causa uma liberdade que o faz querer ficar e educar o seu filho mesmos princípios culturais no qual ele foi educado.

Rafael nas suas palavras diz que quer ensinar ao seu filho, ser um guerreiro assim como foram seus avós, seus pais e também ele mesmo. Guerreiros nordestinos que sabem amar a sua terra de origem e desbravar outros, mas sempre com o respeito por si mesmo e pelo outro.

4. AS GEOGRAFICIDADES

A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia
E pela dor eu descobri o poder da alegria
E a certeza de que tenho coisas novas
Coisas novas pra dizer
(BELCHIOR, 1977)

Diante dos relatos apresentados, é muito claro que o principal motivo da migração taboadense foi a necessidade financeira. Segundo os entrevistados, no momento em que partiram para trabalhar na região Sudeste, não era possível conseguir trabalho remunerado no seu lugar de origem, que suprisse as suas necessidades.

Em alguns casos, a extrema necessidade, os obrigavam a ir para o Sudeste, em outros, como o de André, a sua necessidade de ir, era para ganhar mais dinheiro e de viver uma aventura. Isto aponta que ele já estava com alguma renda financeira mas que almejava outra maior, no entanto migrar para viver outras experiências era um desejo dele.

Tal desejo, se pauta na necessidade de deixar o lugar de origem enquanto pausa no movimento e alcançar a liberdade que o Espaço oferece (TUAN, 2013). Foi importante para André viver naquele momento da sua vida a experiência da migração, de viver em outro lugar, de trabalhar em outros tipos de trabalhos, diferente do que ele já realizava na sua terra natal.

André almejava viver as modernidades que o Taboado de Baixo não lhes possibilitava, pois o cotidiano que ele sonhava vier naquele momento, envolvia experiências múltiplas, as quais se encontravam-se distantes geograficamente dele, mas que o seus desejos e sonho os alcançavam.

O fato é que a maioria dos migrantes taboadenses, tiveram suas vidas por um período de tempo, dividida entre o seu lugar de origem e o mundo afora. Se encontravam neste momento de vida, na dicotomia entre a segurança afetiva que o lugar oferece e as possibilidades de liberdade que o espaço possibilita.

Entre os principais motivos que os levaram à migrarem, foi a busca por trabalho remunerado, pois em Taboado de Baixo, trabalho não lhes faltavam, mas segundo eles, faltavam-lhes a remuneração em dinheiro suficiente para se manterem junto de suas famílias.

Desta forma, a migração para estes habitantes, correspondeu naquele momento de suas vidas e para aquele lugar, uma forma de refúgio. Tanto para conseguir recursos financeiros como para adquirir experiências em áreas urbanas as quais não eram possíveis através de suas visões de mundo e das condições da época, alcançar no Taboado de baixo.

O retorno para o Taboado de Baixo, após alguns anos de vivências no Rio de Janeiro, se deu na expectativa de que o lugar já estaria melhor para se viver, com mais possibilidade de trabalhos remunerados e com mais disponibilidade para trabalhar nas atividades que o Taboado de Baixo os ofereciam naquele momento. Como a tecelagem de tapetes simples, atividades relacionadas com a agricultura ou mesmo com a intenção de adquirir um ponto comercial.

É nítido que a migração possibilitou muitas experiências no destino que tomaram. Conviver com realidades muito diferentes das que já estavam acostumados, viver longe da maioria da família, muitas vezes não acompanhar o crescimento dos filhos, longe do carinho da esposa ou da proteção dos pais. Conviver em meio a uma violência marcada por conflitos de tráfico de drogas em favelas cariocas, enfrentar ritmos de trabalhos intensos e exploração da força de trabalho humana.

Mas viver no Rio de Janeiro era também um sonho para muitas pessoas, porque a imagem que se tem de lá, é sempre de um lugar belo, onde se pode ter uma vida bela também, e de certa forma, o Rio de Janeiro tem sim sua beleza, mas tem também suas misérias, e, para o nordestino que vai para lá para trabalhar com extrema necessidade, não é possível viver o luxo das áreas enfeitadas pelo capitalismo. Diante disto é quase sempre verdade que os migrantes nordestinos vão morar nas favelas, ocupar o lugar dos subalternos e enfrentar também muitas condições desfavoráveis a ele, assim como afirma Parry R. Scott.

De um lado, os padrões de uso de trabalho na terra de origem, alimentam um fluxo emigratório com trabalhadores a procura de locais que prometa mais emprego e mais ganho. De outro lado, cedo estes migrantes, descobrem os padrões de uso de trabalho nas "terras prometidas" ... as classes dominantes nos seus locais de destino operam nos limites que lhe são estabelecidos no contexto de capitalismo monopólio e financeiro internacional, impõe sua vontade na disponibilidade de emprego e grandes contingentes de que são forçados a defrontar-se com uma desilusão, a terra prometida é traiçoeira: para segurar uma parte nesta

ilusória “fonte de riqueza”, o trabalhador migrante tem que se sujeitar a condições que não compensam o esforço. Enfrenta horas excessivas, desempregos, “trambiques”, etc. para muitos, o dinheiro a mais que se ganha é menos que as despesas adicionais que acompanham a migração (SCOTT, p 665, 666).

Diante da teoria citada, é possível compreender que muitas são as desvantagens que os migrantes têm ao deixarem suas terras, mas ao mesmo tempo, migrar é para eles “ganhar a liberdade”. Também é fato que tais condições desfavoráveis de trabalho, nem sempre são percebidas por eles, pois só o fato de poderem ganhar algum dinheiro é uma realização e em outras vezes, mesmo percebendo, não têm a autonomia para reivindicar seus direitos, não têm a quem recorrer e ficam na condição desfavorável até conseguir uma forma de voltar. Mesmo assim, alguns não conseguem, são obrigados a viver de forma insatisfatória no lugar de destino.

Apesar da ida por pura necessidade e em meio às desvantagens, há também experiências boas e favoráveis para eles. A possibilidade de conhecer outros lugares, de conviver com outras culturas, aprender outras profissões. Alguns tiveram a oportunidade de estudar um pouco, uma das pessoas entrevistadas que é o Rafael, entrou para o Exército Brasileiro, permaneceu por alguns anos, isso o possibilitou muito aprendizado e oportunidade de conhecer outras realidades em outros Estados do Brasil.

Os relatos confirmam que os migrantes também encontraram aconchego e afetividade, “os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem “espalhafato” (TUAN, 2013, p. 168). Em seus relatos fica claro que eles se sentiram bem acolhidos, seja pelas relações de trabalho ou pela família e amigos que já estavam lá, eles encontraram afeto e carinho que lhes fizeram aguentar as distâncias geográficas de suas origens e inibir um pouco das distâncias sociais que os dividiam entre as classes.

“Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes é uma relação concreta que liga o homem à Terra, uma *geograficidade* do homem como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2015, p. 1 e 2). Neste sentido, o homem para experimentar o mundo, ele ganha mundanidade⁸, isto implica na possibilidade do ser humano buscar e efetivar outras experiências de vida enquanto ser-no-mundo. Desta forma, a *geograficidade*, é o fazer parte do mundo como sendo ele e dele, como sujeitos que se “apropriam da terra” enquanto planeta para lhe dar os movimentos transformantes do espaço e causar sentidos aos lugares.

Sair do Taboado de Baixo foi uma necessidade para estas pessoas, como também seguir o curso natural da vida de ser humano; o de desejar sentir o mundo como parte dele, fazer uma *geograficidade*. Embora nem todas as situações sejam perceptíveis pelos sujeitos, mas que são movimentos que fazem parte de suas condições humanas.

⁸ “Mundanidade” é um conceito Ontológico e significa a estrutura de um momento constitutivo do ser- no-mundo. Este, nós o conhecemos como uma determinação existencial da pre-sença. Assim a mundanidade já em si mesma um existencial. (HEIDEGGER, 2005)

Retornar para o Taboado de Baixo, foi também uma necessidade. Segundo eles, voltaram para ter liberdade. Mas quanta contradição! Porque conhecer o mundo, sair do seu lugar, tomar a dimensão do espaço, como afirma (TUAN, 2013) é uma busca por liberdade. E voltar para o lugar, foi também a reconquista de suas liberdades. Neste caso, a liberdade é vista por dois ângulos: o primeiro, é o direito de sair para outras realidade e o segundo é poder viver em seu lugar de origem com mais tranquilidade, principalmente no campo afetivo.

Voltar à terra natal, significa que um lugar foi criado efetivamente e que ficou marcado em suas psiquês, uma vez um lugar tomado forma no universo cognitivo do ser humano, ele caminha com ele pela vida inteira, o leva com ele para onde for. Para (TUAN, 2013, p. 199) “o lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção”. Ou seja, para um sujeito que nasceu em um determinado lugar e lá viveu por muito tempo, aquele ambiente de certa forma tomou dele a atenção, os deu intimidade com aquele espaço, lhe concedeu afetos, que foram construídos com o tempo, com as experiências e estão representados nos geossímbolos.

O rio, a religiosidade, o lazer, o futebol, os espaços de trabalho, a escola, etc. São geossímbolos que marcam a vida dos taboadenses, lhe trazem um elo de ligação diretamente com suas vidas e lhe concede identidade com o lugar. São experiências que estão embutidas na cognição deles e que não sairá, porque fazem parte não só da existência dos fenômenos que acontecem em um lugar, mas que foram os próprios sujeitos que deram vida e sentido a estes acontecimentos, que os afetaram-lhes de alguma forma. Pois o que torna possível a existência dos geossímbolos é a ligação e a ação entre os sujeitos e os acontecimentos.

Os geossímbolos ganham vida e movimento quando os sujeitos taboadenses participam da procissão do padroeiro, vão às novenas dos santos de devoção, prestigiam o time de futebol, visitam o Rio Paraíba que banha a comunidade e recordam os momentos de lazer e as atividades da agricultura. Para eles, rever os espaços de trabalho, da produção de redes de dormir e os equipamentos arquitetônicos da escola e da igreja, são marcas geossimbólicas que definem o ser e estar daqueles sujeitos, naquele lugar. e estas marcas acompanham a quem migrou e a quem vive lá sem nunca migrar. Pois isto é, o que lhes dão intimidades com o lugar e acolhimento, porque são os próprios sujeitos que os deram sentido, vida e continuidade para tais geografidades.

Nessa imbricação do sujeito e o lugar, os migrantes taboadenses, configuram uma paisagem pautada nas idas e vindas, entre o Rio de Janeiro e o Taboado de Baixo. Nesse elo de ligação entre a terra o homem, eles movimentam uma dinâmica natural, que compreende às suas geografidades. No conjunto de elementos que a terra abarca e que a migração é capaz de firmar, no contexto das territorialidades que define a lógica da existência humana e a sua participação no mundo, entendessem que isto por si só, é a própria geografidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A minha história é talvez
É talvez igual a tua, jovem que desceu do norte
Que no sul viveu na rua
E que ficou desorientado, como é comum no seu tempo
E que ficou desapontado, como é comum no seu tempo
E que ficou apaixonado e violento como, como você
(BELCHIOR, 1977)*

A migração, em todos os tempos, tem movimentado e dinamizado as espacialidades por todo o mundo, isto porque a migração, é uma das dinâmicas, entre o ser humano e a Terra, que configura parte das geografias. Diante disto, a migração de sujeitos taboadenses, tem causado vivências e experiências, que coloca-os diante deste fenômeno, que antes de tudo, nada mais é, do que um direito humano.

No entanto, a migração nordestina tem acontecido com mesclas de diversos interesses sociais, que merecem ser refletidos, pois tais interesses, com fatores negativos e positivos, têm causado consequências, que é de suma importância ter, uma visibilidade pela lente da descolonização do pensamento. Isto porque, há uma urgência para que seja desmistificadas as ideias de que o migrante nordestino, é alguém que não tem perspectiva de vida nas suas terras de origens.

Migraram porque é um direito deles enquanto seres humanos que procuram seus espaços e suas experiências dentro de suas perspectivas de vida, mas também foram migrantes por terem as suas chances de convivência com os seus ambientes, sabotadas pela falta de interesse, por parte da administração pública estatal, que de certa forma, planejou naquele momento, que o Nordeste fosse base de envio de mão de obra barata para o suposto “desenvolvimento” do Sul e Sudeste do país.

Os sujeitos taboadenses, assim como tantos outros sujeitos pelo mundo, migraram para viver experiências e suprir necessidades financeiras. Perspectivas contadas em histórias de vidas decorrente dos anos 1950 a 2019. Histórias e sujeitos que marcaram uma época entre idas e vindas, histórias e percepções que comprovaram as marcas da segregação social e do trabalho subalterno de indivíduos nordestinos no Sudeste do país. Sujeitos que desconheciam as potencialidades ambientais do lugar de origem e suas capacidades humanas enquanto sujeitos potenciais, que não serviam apenas para o trabalho simples, mas que também podiam exercer outras funções trabalhistas e sociais, mas que foram impossibilitados de uma educação formal que colaborasse para isto.

Sujeitos capazes e incapazes ao mesmo tempo. Uma dicotomia que caminhou e ainda caminham juntas, causando o descompasso social na imbricada marcha social marcada pelas vantagens do capitalismo, na busca incansável pelo “desenvolvimento” econômico elitista e pela incansável manutenção das diferenças de classes sociais e divisão regional.

Desta forma, fica evidente que a trama da migração nordestina, compreendeu `propósitos que vão desde os direitos e interesses humanos até aos interesses do Estado. Onde de um lado haviam os

sujeitos com seus desejos de explorar o espaço e suas necessidades de trabalhos remunerados e do outro lado, estava a máquina estatal que trabalhava para o suposto “desenvolvimento” do país, afim de colocá-lo nos moldes europeus e avançar para padrões cada vez mais modernos da sociedade.

O fato é, que diante destas reflexões, fica evidente, que traçar as próprias geografidades, foi e é uma árdua tarefa do sujeito enquanto ser e objeto que causa a paisagem das vivências e das experiências. Outrossim é colocar no quadro da vida a pintura da sua existência, é ir muito mais além de um sujeito que vive no mundo, é ser um sujeito geográfico capaz de ser também o próprio mundo dele. pois a pintura da geograficidade, é composta pelo sujeito e pelo “mundo”, o qual este mesmo sujeito é em si, Sujeito e mundo.

6. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo; Cortez, 2009.

ALVES, Eliseu; SOUSA, Geraldo da silva; MARRA, Renner. **Êxodo e sua contribuição à Urbanização de 1950 a 2010**. Revista Política Agrícola. Ano XX, nº 2 Abril/maio/jun de 2011. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/910778/1/Exodoesuacontribuicao.pdf>

BONNEMAISON, Jöel. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural: Uma Antologia (Vol. 1)**. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2012.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Perspectiva; SP, 2015.

DELEUZE, Gilles, **O que é filosofia?** São Paulo: 34, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo. Parte 1**. 15ª ed. Vozes; São Paulo, 2005.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: uma revisão**. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, edição comemorativa, p. 137-147, 1993-2008.

MACIEL, Caio Augusto Amorim. **A Retórica da paisagem: um instrumento de interpretação geográfica**. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n. 26, p. 32-48, Jul./Dez. 2009.

SAYAD, ABDELMALEK. **O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante**. Travessia: revista do migrante. CEM. Ano XIII, número especial, janeiro/2000.

SCOTT, R. Parry. **O retorno ao Nordeste: refugio, família e reprodução**.

SOUZA, Thiago Romeu de. **Lugar de origem, lugar de retorno: a construção dos territórios dos migrantes na paraíba e são Paulo**. Recife; UFPE, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar a perspectiva da experiência**.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. DIFEL; Difusão Editorial S. A, 1974.

